PINGADO

• Café Literário •

Volume 2

Sesc
CNC Senac

Polo
Educacional
Sesc

SESC | SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Presidência do Conselho Nacional
José Roberto Tadros

DEPARTAMENTO NACIONAL

Direção-Geral
José Carlos Cirilo

Diretoria de Programas Sociais
Janaina Helena Cunha Melo

Diretoria de Operações Compartilhadas
Maria Elizabeth Martins Ribeiro

Gerência de Educação
Luiz Fernando de Moraes Barros

Diretoria do Polo Educacional
Carlos Alberto Tadeu Zanetti

Vice-diretoria do Polo Educacional
Luciano Lima Moreira

Núcleo Pedagógico
Gustavo Affonso de Paula

Assessoria de Comunicação
André Valle

Coordenação editorial
Camilla Savoia

Equipe
Jeane Borges

Projeto gráfico
Rafael Macedo

Estágio
Giovanna Calvano

PLANEJAMENTO
E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Equipe de Língua Portuguesa
Leyliane Gomes da Silva

Equipe da Biblioteca
José Maria C. Junior
Ana Caroline Soares Marcelo

Colaboradores
Ana Paula Nunes Sampaio (2022-2024)
Ítaly Aléxia Lima De Aquino (2022-2024)
Anna Elise Soares Cardoso (2023-2025)
Sophia Prado Fernandes (2023-2025)

*Foram empregados recursos de inteligência artificial na geração das imagens utilizadas nesta publicação.

Não deixe de clicar nos QR Codes pelo livro ;)

Serviço Social do Comércio
Polo Educacional Sesc

PINGADO

• Café Literário •

Volume 2

Rio de Janeiro
Sesc | Serviço Social do Comércio
Polo Educacional Sesc
2024

Prefácio

Uma vez escutei alguém dizer que o amor é uma casa grande, onde a gente cabe por inteiro, um lugar no qual não precisamos nos esticar e nem nos espremer.

Desde setembro de 2022, o Pingado vive esse amor.

Criado com o anseio de ser um lugar em que a biblioteca pudesse ser mais aproveitada, de manhã cedinho, antes do horário das aulas, para que os estudantes compartilhassem textos de escritores que admiravam, surpreendentemente, o Pingado vai além – todo encontro é um belo encontro e, a todo momento, revela bons autores.

E este livro é o resultado mais bonito desta jornada.

Por isso, desejo que esta nova edição seja casa para você – aquele lugarzinho afetuoso em que a alma pode esparramar – assim como o Pingado é para mim toda quinta de manhã.

Anna Karollyna Silva
Pinguete desde 2022

Sumário

Palavras de quem escreve 8

Depoimentos 14

Pinguetes 18

- **Feliz um ano, Pingado!** (Anna Elise) 20
- **Tempo** (Anna Elise) 22
- **Casquinha** (Anna K.) 24
- **Uma reflexão sobre a vida** (Ariel Freitas) 26
- **Bakita** (Douglas Nogueira) 28
- **Papagaios de repetição** (Gabriela Mioti) 30
- **Adeus** (Hudson Oliveira) 32
- **O mar em aberto** (Hudson Oliveira) 34
- **Há tempos não tiro meus óculos** (Italy Aquino) 36
- **No deck** (Italy Aquino) 38
- **Finitude** (Lavínia Dias) 40
- **Uma história de dor** (Lucas Mix) 42
- **Tutorial de amizade** (Nayane Grasielle) 44
- **Sem alça** (Nicolly de Lourdes) 46
- **Carta, 21 de setembro de 2023** (Paula Nunes) 48
- **Como foram as férias?** (Paula Nunes) 50
- **Tempo** (Rayssa Chaves) 52
- **Nó górdio** (Tiago Jr.) 54
- **Sobre o amor** (Tiago Jr.) 56
- **Tempo Saci** (Vitória Scalco) 58

Pingado, um sim à literatura 60

Palavras de quem escreve

Lavínia

Caloroso. Um abraço, um café, um sorriso.

Vitoria

Permita-se mergulhar
no oceano das palavras
e na corrente de significados.

Lucas

Satisfação.

Rayssa

Carinho e compreensão.

Hudson

Um espaço confortável, em que os sentimentos, ideias e palavras conversam entre si.

Tiago

Onde mentes expressam sua imaginação sob o aroma de um bom café.

Nicolly

Reencontros, famílias, conexões e momentos.

Anna K

Encontro e afeto.

Ana Paula

Pingado é momento de acolhimento, vivências e grandes cartas abertas.

Italy

Reflexões poéticas.

Anna Elise

Conforto.

Nayane

Sentimento acolhedor de lar.

Douglas

Pingado representa a possibilidade de visualizar em forma de palavras o que importa para cada um dos nossos estudantes.

Gabriela

Um pingo de reflexão na correria do meu dia.

Depoimentos

Espero que o Pingado transforme
como vocês veem a literatura,
assim como faz comigo.

Obrigado pelas manhãs sinceras de poesia,
que me fizeram ver a literatura
de um jeitinho diferente.

Estar ao lado de vocês
é um presente;
que o Pingado continue
vivo e pulsante.

“Foram poetas” –
sonharam e
amaram tomar café.

Obrigada, Pingado,
por adoçar as manhãs de quinta
e despertar o prazer
pela literatura presente
em cada um de nós!

Pelos bons dias adoçados
com uma fatia de bolo e
um café fresquinho da manhã.

Agradeço imensamente
pela troca, escuta, presença
e pelo acolhimento
de cada Pingado.

Momento maravilhoso
de troca de emoção,
literatura, abraços e
café quentinho.

Pingado firma
minha existência.

Pingado estava lá
quando mais precisava;
todos os encontros
me proporcionaram
experiências incríveis
e pessoas melhores ainda!

Pingado é um espaço
que encanta pelo afeto
e pela generosidade.

Pingado:
“para onde correm as pessoas
que procuram se encontrar”
e encontram uma família!

Dois anos de semanas recheadas
de textos e pessoas incríveis.
Amei cada segundo.
Pingado me proporciona
momentos maravilhosos e
só posso agradecer pelas oportunidades
que tive de me expressar com amor
(com as palavras).

Consegui me expressar
muito mais por causa
do Pingado.

Pingado é uma oportunidade
ímpar de encontro com a literatura,
ao qual cada pessoa se vincula
de forma muito específica e gratificante.

Nas manhãs de quinta-feira,
na Escola Sesc de Ensino Médio,
me sinto mais viva do que nunca!

Pingado é minha
melhor experiência.
Ser uma Pinguete torna
meus dias melhores.

Pinguetes

Na biblioteca do Polo Educacional Sesc, toda quinta, de manhã cedinho, um grupo de estudantes irradia entusiasmo, alegria, comprometimento e senso de coletividade.

Carinhosamente apelidados de Pinguetes, esses jovens são o coração pulsante que move e mantém o tão aguardado evento semanal Pingado – Café Literário.

Unidos pelo amor à literatura, os Pinguetes são mais do que espectadores, são jovens protagonistas em todas as etapas do projeto. Esses estudantes dedicam seu tempo e sua energia para garantir o sucesso dos encontros do Pingado, com um toque especial em cada detalhe.

Em meio a leituras e tilintar de xícaras, os Pinguetes personificam o poder da juventude quando é ofertada a oportunidade de construir, liderar, sustentar e, assim, contribuir para a realização de uma ação imensamente significativa para a sua formação subjetiva e cidadã.

Os estudantes não apenas moldam o evento, mas agitam o ambiente escolar, inspirando outros a se envolverem ativamente e cultivarem relações baseadas no afeto mútuo e no prazer literário.

Portanto, enquanto enchem suas xícaras de café quentinho e leem versos, lembrem-se de que, por trás de cada momento mágico vivido no Pingado, estão o trabalho e a dedicação dos Pinguetes, cujo afeto ilumina todos que participam.

Feliz um ano, Pingado!

Anna Elise

Dias de calor ou de chuva não importam quando estou comendo meu bolo e tomando meu suquinho ou meu cafezinho. Durante esses momentos, o medo de falar em público parcialmente se vai, porque me acostumei a dividir cadeiras e compartilhar “UAAAAUS” por meio dos olhares ou em alto e bom som!

Que coisa boa desabafar, escutar poesia logo cedo... E ansiar por isso na semana anterior correndo para me inscrever.

Terças-feiras com Pingado são tranquilas e cirúrgicas.

Por isso, feliz aniversário de muitos que vem aí, Pingado!

Tempo

Anna Elise

Gostava do tempo em que filosofava com as estrelas.

Admirava, na minha plena infância, quem era o urubu-rei entre as aves que estavam a voar no céu.

O tempo em que brincava em cima da cama, fingindo que sabia voar, que as fantasias não eram impossíveis.

Mas o tempo passa...

E de nós é cobrada uma postura.

Faça aquilo e faça isso, não tem mais como pensar!

Tempo, só “me dá um tempo”.

Casquinha

Anna K.

“Tive uma ideia! Amanhã vou derrubar a bandeja do restaurante da escola. Minha psicóloga disse que preciso errar um pouco porque a vida é mais do que listas e planejamentos. Confusa, minha amiga me questionou: e por que você está planejando errar? Paralisei. Acreditava fielmente que, ao derrubar a bandeja e quebrar o prato, desapareceria de vez o monstro que alimento há anos - o pavor de falhar. Não percebi naquele momento, mas aquela indagação seria o estopim para uma mudança de percepção de como encaro minhas falhas.

Quando crianças, recebemos uma lista que devemos seguir à risca. O ideal é que sejamos perfeitos, então desacertar nem é uma possibilidade. E me comprometi com a lista que me deram.
Por isso, na consulta em que tive a brilhante ideia, me queixava novamente do cansaço excessivo que era tão presente na minha rotina, visto que buscar a perfeição exigia muito trabalho.

Foi difícil desapegar do manual imposto. Exigiu tempo e esforço. Entretanto, com uma sensação de estar na minha pele, relembro o dia em que me perdoei por não ter vencido o debate para o qual me preparei tanto, e de quando produzi um curta-metragem que não levou o prêmio de “melhor curta”, contudo, os comentários foram tão positivos que só conseguia pensar: valeu a pena.

O prato da escola continua inteiro. Não derrubei a bandeja do restaurante. No entanto, larguei outras que deixavam minhas mãos presas. Soltei e, finalmente, sinto-me viva e humana.

Uma reflexão sobre a vida

Ariel Freitas

Ao comer meu oitavo pão com ovo da semana, cheguei a uma epifânica conclusão:

“A vida acontece no meio do caminho”.

Mas o que isso quer dizer?, você se pergunta.

Bom, se você for olhar o Instagram de um amigo, seu álbum de fotos da infância, uma crônica ou um conto é sempre mostrado um pedaço da vida, evidenciando algo bom ou ruim. Mas, na realidade, a vida acontece no meio do caminho entre a felicidade e a tristeza, o sonho e o fracasso, o sucesso e a perda.

É o que minha psicóloga insiste em dizer que não presto atenção: o presente. Mas, convenhamos, nos vendem diariamente uma vida incrível, com felicidades intermináveis, em todas as plataformas possíveis. Estamos numa corrida de quem performa felicidade e completude melhor. Porém esquecem de falar que o caminho até lá é chato, cansativo e tortuoso. Sendo muito mais confortante e coerente com a nossa perfomance focar na felicidade que almejamos, e não na jornada.

Por exemplo: a flor encantadora que encontrei indo para a quadra, a música nova que o algoritmo me mostrou – e que acreditei que tinha descoberto –, o sabonete que ganhei da minha amiga quando não tinha mais nenhum ou a ida ao mercado para repor o estoque de miojo e bolacha de arroz.

Isso é o meio do caminho, as pequenas alegrias cotidianas são as que continuam me (re)lembrando do porquê e por quem continuo seguindo nessa trajetória maluca que é a vida. É nas apreciações do banal que sou chamada de volta para o presente, me trazendo a consciência de que estou vivendo no automático.

A vida, de verdade, acontece nessas entrelinhas – os momentos com que somos presenteados diariamente por ela.

Acho que é hora de seguir o conselho da minha psicóloga e viver mais nas entrelinhas, colecionando memórias e belezas durante a caminhada.

Bakita

Douglas Nogueira

Seu corpo, sobreposto por outros 50 mil como você, não nos deixa esquecer que, de onde vocês foram retirados, também vieram a Biologia, a Engenharia, a Matemática, a Musicalidade, a minha ancestralidade e a minha religiosidade.

Sua proposital invisibilização, assim como a dos seus irmãos, não apaga o quanto fizeram, mesmo que a vida tenha sido retirada de vocês antes mesmo de pisarem no Brasil.

Vocês são África e são apenas isso (e isso é maravilhoso).

Foram raptados, mas nunca escravizados. Suas almas fugiram dos corpos antes dessa atrocidade. Mas suas ossadas nos lembram que nada mudou, todos os 50 mil que estão aí, com idade entre 5 e 21 anos, de pele negra, ainda continuam a morrer hoje.

Me desculpa, Bakita, não tenho notícias boas!

Papagaios de repetição

Gabriela Mioti

Meu vizinho tinha um papagaio que vivia falando “Seu Jumar, Seu Jumar”. Tinha fascínio e medo daquele animal. Um dia me explicaram que ele era igual a qualquer ave, porém, quando preso, compensava a falta de comunicação imitando sons. Perdi o encanto, o bicho estava apenas repetindo.

Sem a estima que parecia.
Não havia clamor com intensidade.
Não existia o sentimento de aflição pelo excesso de saudade.

Faz tempo que o papagaio morreu. Ainda assim, faço inferências para - tentar - padronizar tudo ao meu redor, a fluidez é algo negativo e a rigidez do relógio inabalável. As ideias deveriam vir perfeitas, não há espaço nem tempo para pensar, criticar, repensar, debater, ufa! Recebemos tanta..., não, somos metralhados por tantas informações que, intocáveis, apenas as anexamos, sem sequer pensar em torná-las parte de si. Somos papagaios, imitamos o que nos parece interessante, sem estimar o assunto que nos foi entregue. Replicamos, somos cultos, aceitos e inteligentes.

Só somos bons se repetirmos?

Adeus

Hudson Oliveira

Depois de muito tempo sofrendo
Agora tenho certeza
Que estou gostando de estar vivendo

Você me acompanhou por quase uma década
Eu te alimentei por vários anos nessa jornada
Achei que você fizesse parte de mim
E, para ser sincero, até gostava de pensar assim

Mas o tempo foi passando, as coisas foram mudando
E, com todos os contratempos, acabei te deixando
Às vezes você voltava para mim, e voltava forte
Às vezes nós caminhávamos juntos, contando com a sorte

A sorte de estar vivo ou de que um dia vou morrer
Pensando nos meus amigos, em quem deixaria de ver

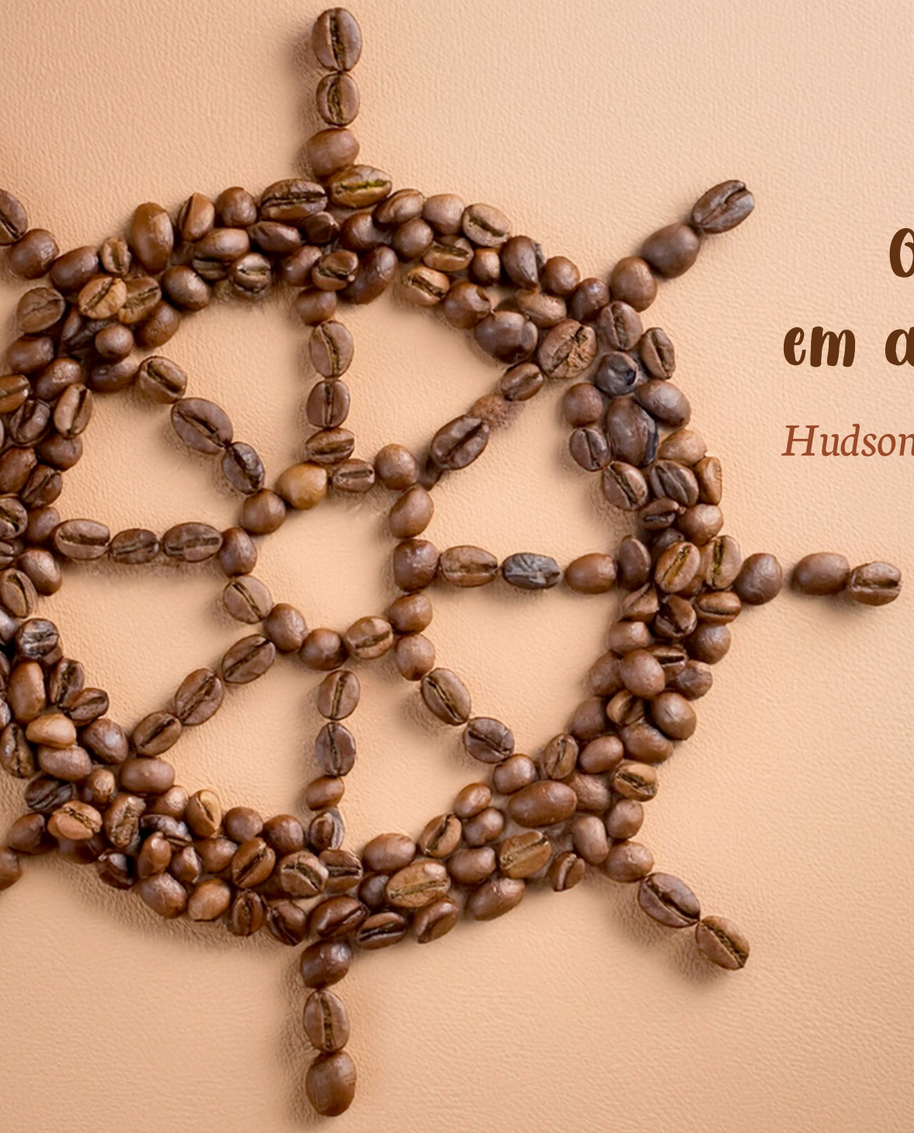
Não sei ao certo sua origem ou como te conheci
Não sou esperto o suficiente para saber se foi desde que nasci
Mas sei de uma coisa: quero você o mais longe possível

Não gosto mais, vivo muito bem sem você
E não é por causa dos remédios ou da terapia
Porque sei que isso não transforma minha vida em utopia

Não gosto mais de você porque agora gosto de viver
Encontrei um sentido para a minha vida
Entendo que agora ela deve ser vivida
Sei que mesmo ainda tendo algumas dúvidas
Tenho certeza de que você foi removida

Não sei se o que tenho agora é um surto de euforia
Mas agora assino a minha carta de alforria
Porque a falta que antes você fazia
Preenchi com muita sabedoria

A sabedoria de fazer amigos e ser gentil comigo
A sabedoria de fazer dos meus amigos, irmãos
A sabedoria de tirar você do meu umbigo
A sabedoria de te dizer não
Agora sou feliz e com um propósito de vida
Digo com orgulho, pra algo que por muito tempo foi meu irmão
Sou orgulhoso e feliz pela minha missão cumprida
E por isso te falo: Adeus, depressão



O mar em aberto

Hudson Oliveira

Alguns não se navegam
Quem os navega é o mar
Mas não sou timoneiro
Para que possa velejar
Na verdade, sou eu quem preciso me navegar
Pois quando penso em me entregar
Sou o único capaz de perceber
Que este mar é cheio de maldade
Hostilidade, ansiedade e crueldade
Mas quando deixo de carregar tudo sozinho
E paro para pensar que se eu me deixar levar
Alguns desses sentimentos vão passar
Mesmo que a maioria deles continuem no caminho
Isso é questão de aprender a lidar
Com os sentimentos trazidos do mar
Que preciso suportar
Porque algum dia tudo vai melhorar
Tenho que continuar atravessando esse mar
Pensando que, em algum momento, as coisas vão mudar
Porque, enquanto alguns esperam que alguém os navegue
Luto todos os dias para que eu jamais me entregue

Há tempos não tiro meus óculos

Italy Aquino

Há tempos não tiro meus óculos. Até alguns meses atrás, costumava tirar meus óculos em momentos que identificava como de descanso. Atualmente, não tem me restado muito espaço para isso. Estou todos os dias, 24 horas por dia, 7 dias por semana, 4 semanas por mês, vestindo meus óculos.

Acordar às 6 horas, escovar os dentes, tomar banho, trocar de roupa. Sair do quarto, tomar café, dar um ou dois abraços em alguns amigos que encontrei pelo caminho. Correr para a aula porque estou atrasada, 45 minutos, trocar de sala, beber um gole de água, quarenta e cinco minutos, trocar de sala, escolher beber mais água ou ir ao banheiro. 20 minutos, pausa. Lanchar, rir, abraçar, tirar uma foto, preciso ligar para meus pais.

– Acho que vou à biblioteca pegar um livro.

PEEEEMM, acabou o tempo. Correr, estudar, conteúdo, provas, vestibulares, trabalhos,
90 minutos, troca de sala, beber água, banheiro, abraçar...
– JÁ SE PASSARAM 5 MINUTOS!!
Correr, correr, correr.
– Você está atrasado!
Estudar, estudar, estudar, estudar... Almoçar, respirar, tirar os ócu...
– Acabou o almoço!
Escovar os dentes, sociali...
– TENHO ATENDIMENTO, DESCULPE!
Estudar, tirar dúvidas, olhar para o teto
–Talvez deva desis...
– Preste atenção!
Aula, aula, aula, aula, aula... Mais 20 minutos, ufa! Estava mesmo querendo beber uma água.
– Oi, acho que gosto de vo...
– Desculpe, não tenho tempo. Minha aula começa em 5 minutos!
Estudar, vestibular, trabalhos, pesquisas, conteúdos, provas, recuperações e FINALMENTE... não, era engano.
– Jante rápido! Temos que estudar. Amanhã tem 2 provas, 4 seminários, você tem Rec no atendimento, faltam 2 semanas para o Enem e...
Já são dez da noite, se me encontrassem agora achariam que estou morta. Estou dormindo sentada, com o cabelo na cara, boca aberta e encostada em um livro que talvez seja de Química.
– E os óculos?- Você deve estar se perguntando... Bom, infelizmente hoje não tive tempo de tirá-los.

No deck

Italy Aquino

Estávamos sentados no deck do porto da cidade. Já era noite, mas era possível ver as ondulações do mar movimentando os pequenos barcos cansados da longa jornada de trabalho que tiveram naquele dia. Ela estava encostada em meu peito, eu apoiava as mãos na madeira molhada da chuva que caíra mais cedo.

– Obrigada. – disse ela.

– Pelo quê?

– Por cuidar de mim quando estive doente ano passado.

– Por que agradece agora por algo que aconteceu faz mais de um ano?

– Porque me recordei apenas agora.

– Não precisa agradecer. Saiba que vou te cuidar sempre que estiver doente.

– Então agradeço por aquele belo livro que me deu meses atrás, mesmo que não tenha terminado ainda.

– Pare de falar bobagens! Para que essa loucura a essa hora?

– Ora, rapaz! Deixe-me. Deixe-me agradecer pelo que quiser. Ou estou proibida de ser grata por ter alguém tão sensível e prestativo em minha vida?

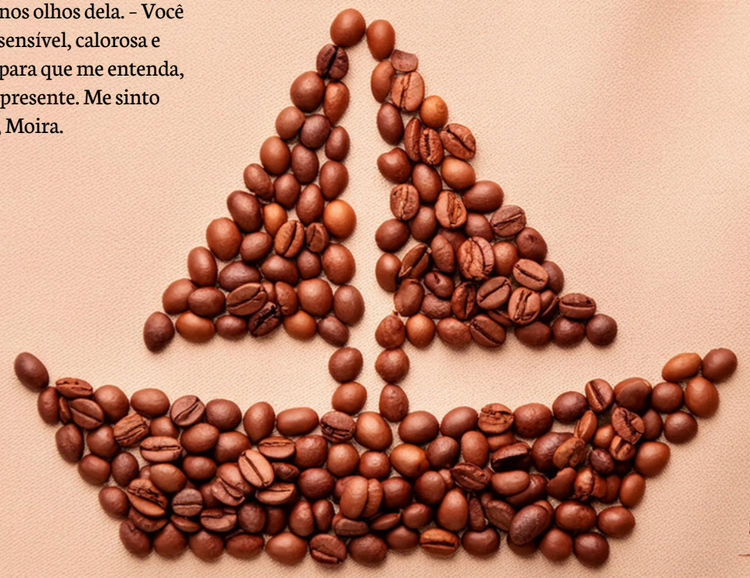
Ficamos em silêncio. Éramos mesmo sensíveis, prestativos e gratos por termos um ao outro, mas não imaginei ouvir algo assim tão subitamente.

Refleti em silêncio e entendi onde ela queria chegar. Nesse mesmo dia, umas horas atrás, me surgiu com uma torta de morangos enquanto se desculpava pelo atraso. Havia se passado apenas 5 minutos. Ela sempre aparecia com essas besteiras. Num dia flores, noutro bolos e doces, em alguns não nos víamos, mas mandava cartas e bilhetes perguntando como eu estava.

– Bom, sendo assim... Preciso agradecer a senhora de N. por me ouvir toda sexta-feira à tarde, ao senhor de A. por ser um grande amigo, à moça que mora ao lado do meu apartamento por me tirar boas risadas e à senhorita de P. por ter assistido ótimos filmes comigo.

Silêncio.

– Obrigado por ser a melhor companhia que eu poderia ter – Disse, finalmente olhando nos olhos dela. – Você torna nossa relação muito mais sensível, calorosa e atenta. Não preciso dizer muito para que me entenda, e mesmo quando viaja você está presente. Me sinto muito grato por sua companhia, Moira.



Finitude

Lavínia Monteiro

Dormi sobre a grama e pensei na vida.
Não pensei, na verdade, sonhei.
Sendo sincera, também não sonhei com a vida,
Mas com a finitude.
Sonhei com tudo o que já almejei finalmente em minhas mãos.
O que tira a paz de quem amo
Se dissolvendo em nada.
Todas as dificuldades chegam ao fim,
Até que me sinta invencível.
Por que é isso que nos move, não?
A certeza do fim.
Saber que cada batalha, cada dor,
Desaparecerá em algum momento,
Só não sabemos quando ou como.
Essa é a parte que nos surpreende.
Sonhei com as finitudes
Que não queria que fossem finitas.
Sonhei com as árvores que me emprestaram sua sombra
Caídas por terra, perdendo sua cor.
Sonhei com a festa de formatura.
Sonhei com risadas misturadas,
Que sabia que se separariam.
Queria manter tudo isso junto em minhas mãos,
Bem apertado para não escapar.

Mas isso não é possível, porque tudo passa.
E isso também nos move, não é?
Nossos abraços ficam mais apertados,
Saímos para dar mais uma volta,
Porque ainda não queremos nos separar.
O problema é que somos exigentes.
Queremos o fim do ruim,
Mas nos recusamos a crer que o bom também se vai.
É justo, mas difícil de aceitar.
Por isso decidimos ser intensos,
Vivendo o máximo da finitude
Enquanto ela não se concretiza.
Acordei sobre a grama
E percebi que não estava errada lá no começo.
Porque os conceitos de vida e finitude
Não são assim tão diferentes.

Uma história de dor

Lucas Mix

Escravidão, uma história de dor,
Marcada por sofrimento e horror.
Pessoas arrancadas de suas terras,
Forçadas a trabalhar sem quaisquer ferramentas.

A vida deles foi roubada.
Eles foram tratados como mercadorias.
Seus corpos foram vendidos e comprados,
Eles foram forçados a trabalhar em condições precárias.

Eles foram espancados e torturados.
Eles foram privados de sua liberdade.
Eles foram tratados como animais,
Eles foram forçados a viver em senzalas.

Mas eles nunca perderam a esperança,
Eles lutaram por sua liberdade.
Eles se uniram e resistiram,
Eles lutaram contra a opressão com coragem e dignidade.
Hoje, lembramos daqueles que sofreram,
Nós honramos aqueles que lutaram.
Nós prometemos nunca esquecer.
Nós prometemos nunca deixar a história se repetir.

Tutorial de amizade

Nayane Grasielle

Ontem estava almoçando com uma amiga. Não lembro exatamente sobre o que falávamos, mas alguns minutos depois que nos sentamos, o assunto principal da conversa chegou. A memória que narrava para ela não era recente, mas para mim ainda era colorida. Lembrei-me do final do ano de 2021, acostumada a sempre ter estudado na mesma escola, com as mesmas pessoas. É estranho como acompanhei o crescimento de cada uma delas nos mesmos espaços e como elas acompanharam o meu também.

Após a notícia de que iria estudar em outra escola, após todas as lágrimas de alegria, após as longas felicitações de pessoas da minha família sobre como eu era corajosa, após os puxões de orelha para que preservasse meu sotaque... senti medo. *Medo do quê?*, Você me pergunta. Medo de ser uma peça solta. Medo de ser só mais uma perambulando pelas alas coloridas, sem alguém para conversar e rir comigo. Medo de não poder fazer piadas que, de tão ruins, você sente a necessidade de olhar sério para a pessoa que falou. Alguém para compartilhar recordações como essa.

É claro que hoje vejo que essa preocupação não passa mais do que um pensamento da Nayane de antes de 2021, mas posso assegurar a você que era uma das coisas que mais me assombravam. Passava dias tentando relembrar como tinha feito as minhas amizades, mas como se lembrar daquilo que você falou para uma garotinha de 6 anos – em algum momento de 2013 – que a fez gostar de você e passar a te chamar para se sentar com ela no recreio? Não fazia ideia de como fazer amigos.

O velho conselho de "seja você mesmo" não passa de um papo-furado. O que quer dizer "seja você mesmo"? Seria para mostrar coisas que sei fazer? Porque é isso que os filmes mostram, e sempre acaba em cenas que nos dão vergonha alheia. Acho que ninguém se conhece o suficiente para que o "seja você mesmo" seja realmente um bom conselho ou um direcionamento para como agir.

Toda relação começa com somente uma pontinha de si mesmo, apenas a superfície. Acho que temos medo de assustar a outra pessoa se chegarmos logo de cara com uma personalidade diferente da dela, e acho que ela sente o mesmo. Após um tempo, chega a decisão principal, aquela pessoa é capaz de descobrir mais sobre você? Ou vai conhecer apenas aquela parte que é encontrada na biografia do seu Instagram ou em tweets antigos que você só não apaga porque acha que ninguém vai procurá-los?

Hoje, um ano e seis meses (quase dois anos) desde que coloquei meus pés pela primeira vez na escola que chamo de lar temporário, vejo como esse medo que antes me assustava hoje não tem mais força. As pessoas que em algum momento decidiram que eu seria uma boa pessoa para passar um tempo junto se transformaram em uma parte de mim, uma parte muito boa.

Sem alça

Nicolly de Lourdes

Te conheci por acaso
Logo saímos do chão
Partimos de passagem comprada
Você com a bagagem à mão

No trajeto até o aeroporto
Muita coisa mudou
Pisquei e você sumiu
E comigo sua mala ficou

Minuto se foram
Horas correram
Foi embora o nosso avião

Sem sinal de você
no saguão

Fui embora
Cansada
Com o peso na mão

Botei a saudade no porão
Olhei para a angústia
Trem sem jeito
Não cabe aqui não

Mensagens não respondidas
Ligações não atendidas
Seu endereço eu não tinha
E minha mente... um furacão

Eu olhava para aquilo
Sem saber o destino
Incomodada

Deixei e lá restou
Um tempão
Ocupando um baita espaço
Dentro do meu coração

O tempo passou
Me livrei da mala
Esforço feito em vão

Visitei lugares
Passeei de avião

Quando voltei para casa
Avistei você no portão
De bagagem à mão.

Carta, 21 de setembro de 2023

Paula Nunes

Já expus muita gente aqui, só que cheguei a uma conclusão de que teve alguém que escapou de aparecer nas benditas cartas abertas, e isso é tão óbvio... Como nunca pensei nisso? Bem-vindos a mais uma carta aberta (edição Feliz aniversário, Pingado).

Nesta carta aberta, vamos apenas falar de como chegamos aqui. Claro, evitando exposições, pois ninguém do Pingado gosta de fofoca!

Rio, 21 de setembro de 2023
Querida Ana Paula, estou escrevendo para alguma versão minha, sua, nossa em qualquer que seja a circunstância. Lembro perfeitamente do primeiro texto que tirei do fundo da minha alma. Estava no auge da 4ª ou 5ª série e a professora Bárbara pediu para escrevermos um conto contemporâneo, e você, com sua mente brilhante, escreveu sobre os três porquinhos em um grupo no "zapzap" (assim citado por você na época).

No final do seu texto tinha a mais diva das frases: "Bibliografia: vozes da minha cabeça". Você sempre uma criança à frente do seu tempo, com piadas revolucionárias e, como podemos ver, nada mudou com o passar dos anos: você não escreveu mais nada criativo, apenas coisas em que não havia piadas, e sim números e algo sobre fotossíntese.

Ao chegar no mais aclamado Ensino Médio, apareceu algo chamado de "redação". Você nem sequer sabia o que era isso e como iria fazer tal coisa. Aos poucos, o Zé Arnaldo foi explicando sobre produção de texto, e com isso veio o ódio por tal assunto, já que sempre tinha que ir nos atendimentos de reescrituras, porque o querido não aceitava que se passasse um pouquinho das linhas (concordamos que a diferença entre 20 e 48 é tão pouca).

Não me lembro da razão pela qual me inscrevi no IF de escrita ficcional, apenas sei que naquela sala, em que era a única aluna de 1ª série, aprendi com cada um que estava naquela turma os diferentes estilos de escrita e suas características. Aprendi a fazer textos de até 1 lauda (com exceção dessa carta) com a Janaína Brasil, a mais diva das professoras, que me ensinou muitas coisas, até mesmo como ver o mundo e perder a vergonha de falar em público. Até hoje ela me pergunta profundamente: "Ana Paula, cadê os acentos?".

Digo que aqueles momentos eram, sim, top 10 momentos da nossa vida, mas a alegria de pobre dura pouco, e chegamos ao fim de uma história de amor e de evolução com a escrita.

Você, querida Ana, passou questão de 4 meses sem escrever nada que fosse dito com base nas vozes da sua cabeça, parecia aquele período entre Bárbara e Janaína no qual só se ouvia falar de fotossíntese.

Passaram-se os tempos e a tristeza dominava todo o seu coração. A saudade da turma de sexta T2 era inevitável, mas o que menos esperávamos era o Pingado, um café literário com leituras de textos autorais às 7h15 da manhã de terça-feira.

Pensei em ir, só que, gente, quem acorda às 7h15 da manhã para falar textos autorais e tomar café? Pode-se ver que pagamos com a língua, e o Pingado se tornou um dos melhores momentos da nossa semana, que tem se tornado cada vez pior.

Agradeço ao aniversariante do dia, que me fez voltar não a ser eu mesma, mas a escrever e ver os olhinhos da minha mãe brilharem ao saber que sim, eu sei escrever.

De: Vozes da minha cabeça
Para: Ana Paula

Como foram as férias?

Paula Nunes

Antes de começar o texto, queria contextualizar uma coisa, porém, quero que a querida Leyli me perdoe caso eu esteja errada. Quem me passou as informações a seguir foi um paraibano.

De acordo com o genuíno Diego – o paraibano em questão –, os nordestinos são muito bons em fazer poemas trovadorescos, que são, nada mais nada menos, poemas cantarolando na forma de cantigas surgidas na Idade Média. Eles em questão adoram e fazem isso. Um dos melhores trovadores, mesmo sendo analfabeto, de acordo com Diego, é o Pinto de Monteiro.

Agora, vamos sair do momento aula de literatura para o texto.

Antigamente, as escolas pediam aqueles textos que respondiam à pergunta "como foram as férias?", então, sejam bem-vindos a como foram as minhas férias.

Vamos pular dezembro, já que o melhor acontecimento foi o inesquecível show de Bel Marques, Péricles e Roberto Carlos. Teve o Natal também e o Wesley Safadão, mas isso é detalhe.

Vamos pular janeiro, visto que o mês durou 98 dias e não me recordo de nada muito interessante.

Agora chegamos:
Dia 10 de fevereiro de 2024
Estava em um dia normal da minha vida até que, depois de muitos meses, choveu na minha cidade. Não foi uma simples chuva, foi uma "big" chuva. Acordei em um horário bem cedo para um dia de férias, ao meio-dia, com meu irmão puxando meu pé para que eu saísse da cama.

Enfim, fomos procurar o que tinha para o digníssimo café do meio-dia. Enquanto secávamos a casa, que tinha água por todos os lugares, pensamos: "Vamos comprar muçarela e pão". Queridos ouvintes, estava caindo um pau de água e o Mercantil ficava a umas dez quadras; tínhamos um guarda-chuva e um sonho. Meu irmão estava trocando de roupa enquanto eu abria o portão para verificar o açude que estava a rua quando, de repente, vejo uma luz no fim do túnel: o nome dela é o carro do Diego, já mencionado anteriormente. A felicidade estava na minha frente, e o melhor foi quando ele perguntou se queríamos ir almoçar.

Nada de tão importante aconteceu, apenas o básico, como comer quatro pratos de comida em um restaurante sem peso que tinha taxa de desperdício. E passar boas horas em um lugar aleatório tomando sorvete e vendo a chuva, até que chegou a hora de ir embora.

Só uma dúvida: vocês já andaram em um Fiat Mobi? Vocês já andaram em um Mobi com cinco pessoas, tendo eu, de 1,74, e meu irmão, de 1,80, no banco de trás? É um inferno! Não tenho nada para reclamar de ninguém lá de casa, mas, assim, nesse pequeno carro onde meus joelhos estavam quase pressionando o pulmão do Diego, que estava à minha frente, reclamaria facilmente. Naquele carro, de repente, quebrando o silêncio, meu irmão soltou: "Ei, Diego, a gasolina do carro é você que coloca ou a empresa?"

Meus prezados amigos, o que tenho a dizer sobre a próxima meia hora é apenas sofrimento. O que começou com a gasolina, acabou com o Diego recitando poemas trovadorescos mencionados anteriormente por vinte e cinco minutos, e não me lembro de muito, mas uma parte ficou na minha cabeça: "Senhores críticos, basta!". Sei que no final ele estava andando a 10 km/h só para poder recitar seus poemas. Não tenho nada contra o Diego, mas facilmente bateria no meu irmão se ele falasse mais uma palavra. Depois que descemos do carro por volta das onze da noite, olhei no fundo dos olhos do meu irmão e falei: "nós só queria muçarela".

A lição desse dia foi: "Sempre compre apenas o que você queria, porque senão você vai acabar em um Fiat Mobi ouvindo poemas às onze da noite".

Tempo

Rayssa Chaves

Ao passar do relógio
Vejo a vida se movimentar
Será que deveria ir junto?
No fim deixo ela me levar
O tempo é algo sem deslocamento
Ficamos presos em um pensamento
No qual levamos juntos, até a última lembrança.
Mas o que será que é o tempo?
Uma convicção?
Um sentimento?
Uma razão?
No fim, temos uma certeza
O tempo não tem vontade de passar, mas é necessário não parar.

Nó górdio

Tiago Jr.

Ódio, que ÓDIO!
Uma dor que me consome de dentro para fora, puxando toda a minha energia vital junto.
Logo hoje! Logo agora!
Esse demônio.
Esse ser que não pertence a este mundo e que agora me faz sofrer.
É a pedra do meu sapato.
É a ferida que apareceu na minha boca e que melhoraria se eu parasse de passar a língua, mas é impossível não se incomodar com sua presença.
Mas não posso culpar essa monstruosidade... Provavelmente está apenas tão perdida quanto eu no caminho da vida...
Mas tenho que fazer algo a respeito! Ou é ela ou sou eu! É como os velhos filmes de faroeste, sim! Tenho que acabar com essa fera em um único movimento.
Mas como, Deus?! Como vou dar cabo dessa coisa?! Ela é rápida, ela voa, ela está sempre um passo à minha frente...
Não, quer dizer, não vou pedir ajuda! Não posso e não vou pedir ajuda! Um homem deve... Um homem... Um...
Deixa pra lá, nada do que o meu pai me ensinou serve para esse sofrimento. Nada do que os meus pais me ensinaram serve pra essa situação... Mas ainda não vou contar, é uma vergonha extrema! Mais do que isso, só eu passo por este tipo de coisa, só eu! Seria algum tipo de punição divina?! Seria um sinal ruim que indica os infortúnios que vão acontecer hoje?!
Que ódio! Que ódio!
Logo agora esse Cérbero subiu das profundezas do Tártaro para coletar a minha alma... Tudo que posso fazer é aceitar... Mas não tem como!
Não tem! Tudo que sinto é ódio! Medo! Desespero!
Tem um...
Tem um...
Eu entrei...
Eu...
Eu entrei no meu box do banheiro e tem um inseto enorme aqui!
QUE ÓDIO!

Sobre o amor

Tiago Jr.

Este não é um texto sobre amor, aviso logo!
Quase foi, creio eu...
Comentava sobre minhas desilusões passadas,
Histórias antigas e mal contadas...
Mas este não é um texto sobre amor.
Podia dizer das vezes que o que senti foi verdadeiro...
Que da maior sorte do mundo pensei ser herdeiro...
Mas este não é um poema sobre amor.
Posso escrever sobre paixões menores e mais numerosas,
E que ainda sim, ao ir embora, deixaram sensações dolorosas.
Mas esse não é um texto sobre amor.
Não, com certeza não há amor algum aqui.
Falarei sobre temas mais interessantes, sim.
Sobre as dores da vida.
Sobre os tropeços e tombos que dei a mim mesmo.
Sobre os erros que cometi devido à minha inocência e fraqueza.
Sobre as dores que tomaram conta da minha mente por ser incapaz de agir, falar ou conseguir me expressar.
Mas ainda não posso falar sobre esses assuntos,
Afinal, este não é um texto sobre amor.

Tempo Saci

Vitória Scalco

Desejo intrinsecamente que todos tenham a experiência de encontrar-se. Encontrar-se nas pessoas, nos cenários, encontrar a sensação de encaixe na vida... Ah, que fase incrível.

Nessas circunstâncias, o tempo é nosso aliado e inimigo: assim como ele é capaz de fornecer todos os instrumentos perfeitamente calculados para vivenciar momentos extraordinários, ele também tem o poder de fazer o oposto.

Os ciclos, os momentos, os finais... resumidamente, tudo que tem início e fim é o que mais toca nossa alma. Aquele momento perfeito, colorido e mágico em algum momento vai escapar. É a regra fundamental do tempo – nada dura para sempre.

Parceiro do Saci vem e, quando vê, já passou. É fluido, um vento, uma brisa leve e, concomitantemente, um furacão. Tudo é remexido, e, quem prefere a estabilidade, o concreto, o tempo certamente já tirou toda a paz de espírito.

O fato é que, no fundo, não simpatizamos com mudanças justamente por causa da nossa tamanha intensidade. Temos apego, vínculos, laços profundos. Viver na superfície, na plasticidade, não é de fato viver. E quando criamos raízes e estas são arrancadas de nós, uma parte da nossa essência é também extraída junto.

As risadas fluidas, os mares de lágrimas, as areias mais pesadas e as marés mais felizes recuam aos poucos em direção ao oceano. E de nada adianta tentar agarrá-los e segurá-los, pois tudo isso escapa de nossas mãos como água.

E isso dói. Queima o nosso interior. Pois não há nada que possamos fazer para impedir que o Saci passe e deixe tudo de cabeça para baixo.

No entanto, o fim é nada mais nada menos que um novo começo.

Passarás pelo luto, pela solidão. Pelas crises existenciais. Voltarás ao desconcertante desencaixe, despertencimento, mas não caia na lábia da inércia; não acredite nos monstros debaixo da cama. Não é verdade que nunca mais serás feliz. Não é verdade que não encontrarás outras oportunidades. E, certamente, não é verdade que não acharás outras pessoas com as quais criará novas raízes e flores.

Florescer exige passar por todas as estações.

A vida é tão longa, tão complexa, que passarás por isso tantas e tantas e tantas vezes, a mesma coisa repetidamente. E nunca irás habituar-se a essa dor angustiante de despedida e de encerramento. De fim.

E essa é a parte bonita e feia – tudo são apenas memórias. Tudo é apenas um eterno instante impregnado em nossa consciência. O chão pisado, o ar respirado, a visão extraordinária, se tornarão abstratos em poucos instantes. Mas é isso que nos permite viver, experimentar o gosto de estar vivo. De sentir tudo tão intensamente ao ponto de doer. De aproveitar cada milissegundo com os alguéns tão singulares que tivemos a chance de conhecer. De usufruir de cada espaço que pudemos estar.

E te encaixarás. Os capítulos recomeçarão, mas as páginas chegarão a um fim. Choras, sorrias, sensação de ambiguidade por todas as linhas lidas, processo de informações e fortes emoções. E, logo, partes assim para o próximo livro.

Pingado, um sim à literatura

"Mas ela tentava, tentava publicar seus relatos, poesias, crônicas...
Ah, como amava escrever!"[1]

A cada folhear de página, a cada verso, a cada prosa, a cada café tomado e sanduíche saboreado, a cada subida no palquinho com ou sem banquinho, a cada aplauso, a cada "uau", a cada leitura, a cada escuta, a cada sentimento compartilhado, a cada pensamento elaborado, o Pingado acontece. A cada encontro, o Pingado faz-se acontecimento literário, em toda a potência da Literatura, universo em que é possível se perder e se encontrar, saber de si e dos outros, questionar a identidade e abrir-se à diferença.

Desculpe, prezado leitor, prezada leitora, por retratar tantas cenas próprias do Pingado; pode ser que, para alguns de vocês que ainda não tiveram a oportunidade de participar desse café, tais momentos não façam tanto sentido. No entanto, pensando também em vocês, iniciei este posfácio tentando, na forma de cada palavra, expressar o que se vive nos encontros matinais do Café Literário do Polo Educacional Sesc.

Em brevíssimo panorama histórico sobre a relação entre Literatura e Educação, é notório o lugar secundário ocupado pela Literatura, uma vez que era colocada a serviço de outra matéria, ora como parte da Gramática e da Retórica, ora pretexto para o ensino de línguas. Apesar do avanço temporal, a Literatura foi mantida em plano secundário quando estudar literatura se tornou sinônimo de estudar a história da Literatura por via das escolas literárias. Não se trata, é claro, de atribuir menor importância à Gramática ou à História, muito pelo contrário, estas são pilares fundamentais, juntamente à Literatura, para uma formação do indivíduo, bem como do corpo social.

[1] Fragmento do texto "A chuva que salga", da aluna Nicolly Figueiredo, turma 2021-2023.

Trata-se, prezados leitores, de pensarmos e tomarmos a Literatura como campo, por excelência, da fabulação da linguagem para que possamos, todas e todos nós, construir, desconstruir e reconstruir sentidos na vida. Em um texto necessário "O direito à literatura",[2] Antonio Candido, grande crítico literário, afirma que: "Não há povo e não há homem que possa viver sem ela [a Literatura], isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação". Sabemos, é verdade, que as escolas têm o grande desafio de preparar os estudantes para os exames vestibulares em meio a uma rotina escolar de muitas e complexas demandas. Como, então, inserir a Literatura na escola sem que esta sucumba a notas, provas, regras, protocolos necessários do mundo escolar?

Sem a pretensão de responder a essa pergunta e encerrar o assunto, penso que o Pingado, Café Literário, ilumina, como uma espécie de farol, um caminho possível para despertar nos estudantes a curiosidade, o interesse e o desejo pelo literário. Pensar que, de manhã cedinho, antes das aulas regulares, alunas e alunos reúnem-se, por vontade, não por obrigação, para ler e ouvir literatura acompanhados de um café e, claro, de um pingado (um discreto café com leite), é pensar com o mestre Candido que a Literatura é um poderoso campo de educação, de desenvolvimento intelectual, de construção e transmissão de afeto; enfim, é pensar que a Literatura é a possibilidade de nos tornarmos mais humanos.

Acompanhar o Pingado é presenciar, a cada encontro, que a ideia de letramento literário, desenvolvida por competentes pesquisadores, como Rildo Cosson, materializa-se. Materializa-se em cada estudante que apresenta um texto autoral, em cada estudante que elabora os aflitivos sentimentos durante uma semana de provas. Materializa-se em cada estudante que declara seus sentimentos no contorno de cada letra. Materializa-se em cada estudante que escolhe a dedo um livro para ler especialmente no Café Literário. Materializa-se em cada estudante que declara começar a escrever porque se inspirou no texto do colega ou declara começar a gostar de Literatura por causa do Pingado.

[2] CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura." In: ___. *Vários Escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/São Paulo: Duas cidades, 2011.

De acordo com Cosson,[3] letramento literário é um processo de apropriação da Literatura enquanto linguagem, linguagem literária – modo singular de construir sentidos. Apropriar-se é "tomar algo para si, fazer alguma coisa se tornar própria, de fazê-la pertencer à pessoa". (COSSON, 2006) Esse processo, portanto, põe em jogo, para aquele que lê e para aquele que escreve, o exercício de olhar para si e olhar para o outro; de se deparar com a identidade e também com a alteridade, sentindo, elaborando e enfrentando as afetações da vida.

Prezados leitores, que acabaram de ler textos autorais escritos por jovens estudantes do ensino médio, temos em nossas mãos os efeitos da Literatura viva e vivida. Para isso, é preciso oportunizar a interação entre estudante e obra literária, é preciso construir um espaço de compartilhamento de leituras, é preciso almejar a ampliação de repertório literário, é preciso construir e sustentar um processo constante de desenvolvimento da competência literária.

Isso o Pingado faz. E faz com um café quentinho ao lado.

Leyliane Gomes da Silva

Professora de Língua Portuguesa do Polo Educacional Sesc

Doutora em Letras pela UFRJ

[3] COSSON, Rildo. *Letramento literário*: teoria e prática. 2ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

A vida
acontece
com o Sesc
Sesc
CNC Senac
Polo
Educacional
Sesc